

Educação a distância no curso presencial de licenciatura em música: uma experiência com o ensino de história da música

Robson Rodrigues Ribeiro

IFPE/UFPB

robson.ribeiro@gmail.com

Resumo: Este texto relata uma experiência com a educação a distância (EaD) dentro de um curso presencial de Licenciatura em Música. Na experiência relatada, o componente curricular História da Música Ocidental foi ministrado na modalidade EaD durante o segundo semestre de 2011 a uma turma da Licenciatura em Música de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia localizado na região Nordeste. O objetivo geral da experiência foi conhecer as transformações pedagógicas que a mudança do meio presencial para o virtual demandam do professor ao adaptar um componente curricular de sua vivência presencial para a EaD. Como processo de produção de conhecimento, a experiência vivida se aproxima de uma pesquisa-ação. Os focos do relato são a caracterização metodológica do processo, as fases de capacitação em educação a distância, de estruturação do componente curricular e de avaliação. Aqui a avaliação é entendida de forma ampla: como processo constituinte do componente curricular, visando a avaliação da aprendizagem dos estudantes, e como processo de reflexão pessoal sobre a experiência vivida. Os principais resultados da experiência indicam que a transposição direta de uma vivência presencial para a EaD se mostra inadequada para o aproveitamento das potencialidades que o meio virtual oferece ao professor e que este meio se pauta por novas lógicas metodológicas de ensino e aprendizagem.

Palavras chave: Educação a distância, Licenciatura em Música, História da Música.

Introdução

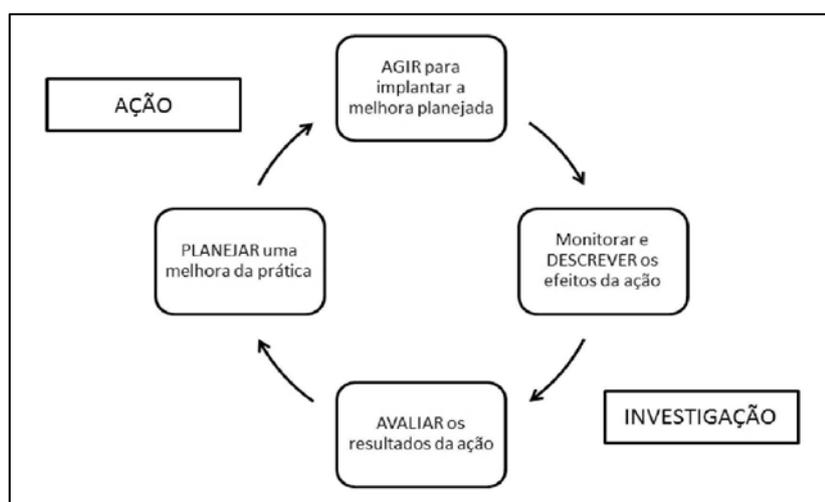
A educação a distância (EaD) oferece novas possibilidades de ensino e aprendizagem de música. Neste texto relataremos uma experiência vivida no segundo semestre de 2011 com uma turma da Licenciatura em Música de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IF) localizado na região Nordeste, onde o componente curricular História da Música Ocidental foi oferecido na modalidade EaD. O texto está dividido em duas partes. A primeira trata dos aspectos metodológicos que conduziram o desenvolvimento da experiência, envolvendo três seções: a caracterização da experiência como um processo de estudo e formação profissional, os contatos com a equipe de capacitação em EaD do IF que

possibilitaram o desenvolvimento da experiência, e uma descrição da estruturação do componente curricular. A segunda parte tece algumas reflexões sobre a experiência.

Caracterização do estudo

A experiência aqui relatada teve sua origem a partir de um estudo de natureza qualitativa com características da pesquisa-ação. A abordagem qualitativa abriga metodologias diversas de pesquisa, tais como a etnografia, a fenomenologia e a pesquisa-ação. De acordo com Liora Bresler (2006, p. 16, itálicos do original, tradução nossa), a “pesquisa-ação é baseada na estreita interação entre *prática, teoria e mudança*”. A autora também assinala que no âmbito da pesquisa em educação a pesquisa-ação estabelece uma relação entre teoria e prática que tem o objetivo de promover o aperfeiçoamento das práticas, dos conhecimentos e das situações educacionais. Portanto, fica claro que “uma grande diferença entre a pesquisa-ação e outras abordagens qualitativas é sua ênfase pragmática, orientada para a prática, como motivação primária para a pesquisa” (BRESLER, 2006, p.17, tradução nossa). Tripp (2005, p. 446) sintetiza as interações cíclicas entre prática, teoria e mudança na pesquisa-ação através do seguinte diagrama:

FIGURA 1 – Representação em quatro fases do ciclo básico da pesquisa-ação



FONTE: Tripp (2005, p. 446)

Este estudo se desenvolveu a partir de nossa prática de ensino do componente curricular História da Música Ocidental no IF. O objetivo central do estudo foi o entendimento das transformações das estratégias pedagógicas necessárias para que este componente curricular pudesse ser vivenciado na modalidade EaD. Disso resultou a aproximação do estudo com a pesquisa-ação, pois nesta metodologia o que “os pesquisadores estudam e buscam aperfeiçoar são suas próprias práticas educacionais, seu entendimento destas práticas e as instituições nas quais trabalham” (BRESLER, 2006, p. 16, tradução nossa). No entanto, ressaltamos que o ciclo da experiência foi interrompido antes do retorno a uma nova fase de ação para a implantação de mudanças, devido a fatores que serão mencionados mais adiante. Ainda assim, as reflexões originadas a partir da experiência nos proporcionaram uma rica fonte de estudo e crescimento profissional.

Capacitação em EaD

A Diretoria de Educação a distância do IF (DEaD) oferece regularmente cursos de capacitação para professores interessados. A capacitação envolve aspectos técnicos e pedagógicos. Do lado técnico, aprende-se a usar os recursos da plataforma Moodle para criar e manter salas virtuais, incluindo as ferramentas de comunicação e de preparação de atividades e exercícios. Também faz parte da capacitação o treinamento para a realização de web-conferências e a produção de videoaulas.

Na parte pedagógica, discute-se inicialmente o funcionamento da EaD no Brasil e no mundo e os pressupostos teóricos que fundamentaram a sua implantação e expansão para o modelo em voga hoje. Num segundo momento as discussões se voltam para as ferramentas disponíveis na plataforma Moodle (diversos tipos de fóruns, diversos tipos de atividades, recursos de texto, áudio e vídeo, etc.) e suas potencialidades e limitações de uso dentro do componente curricular. Várias situações didáticas são exemplificadas. Por exemplo, um fórum virtual pode em um dado momento ser utilizado como meio de discussão de ideias e em outro momento como uma atividade avaliativa interativa.

Esta capacitação prévia tornou possível oferecer a disciplina História da Música Ocidental na modalidade EaD na Licenciatura em Música do IF. Sem ela seria impossível naquele momento nos inteirmos do arsenal de conhecimentos teóricos e práticos que possibilitassem uma experiência exitosa em educação a distância com os alunos da graduação.

A estrutura do componente curricular

A fase de planejamento do componente curricular foi realizada em conjunto com a assessoria pedagógica da DEaD do IF. Antes de tudo é preciso esclarecer que ficou acertado entre a DEaD e a coordenação do curso que o componente curricular não disporia de tutores, uma vez que estaria sendo oferecido somente para uma turma¹. Assim, caberia ao professor formador o papel de estruturar o componente curricular, construir a sala virtual e acompanhar todos os estudantes durante o período de realização do curso.

Após algumas discussões, entendemos que o trabalho de planejamento do componente curricular deveria ser precedido por tomadas de decisão a respeito dos elementos que estruturariam o ensino e aprendizagem mediados pelas ferramentas do Moodle. Os elementos principais seriam os seguintes:

1. A estrutura temporal usada na sala virtual;
2. A fonte dos conteúdos da sala virtual;
3. As atividades da sala virtual;
4. O processo avaliativo do componente curricular.

Junto com a assessoria pedagógica da DEaD, chegamos a alguns consensos sobre os fatores acima. Cada um deles será tratado nas subseções a seguir.

¹ Em geral, os componentes curriculares de um curso a distância são oferecidos para várias turmas dispersas geograficamente em vários polos. O professor formador é o responsável pela estruturação da sala virtual e pelo componente como um todo, enquanto os tutores o auxiliam no acompanhamento e na interação com as diversas turmas.

A estrutura temporal da sala virtual

Optamos nessa primeira experiência por um formato que fosse próximo, em termos de tempo, ao de um curso presencial. Três razões motivaram essa escolha: a primeira é que um tempo maior possibilitaria eventuais correções de rumo na proposta do componente curricular, o que poderia ocorrer em virtude da falta de experiência do professor formador; a segunda é que, em comparação com os cursos normais da EaD, os estudantes da Licenciatura em Música presencial do IF estariam cursando um número grande de componentes curriculares simultaneamente², o que não tornaria viável um tempo reduzido e uma consequente intensificação das atividades deste componente curricular; a terceira é que o aprendizado de história da música requer um nível de leitura e de apreciação musical que demanda tempo para um amadurecimento satisfatório (GOHN, 2009, p. 283).

Assim, chegamos a um consenso que o módulo básico de tempo para estruturar o componente curricular seria a semana. Desta forma, planejamos um curso com 17 semanas, estruturado da seguinte maneira:

- Semana 1 Música da antiguidade (Grécia)
- Semana 2 Música medieval
- Semana 3 Música medieval
- Semana 4 Música renascentista
- Semana 5 Música renascentista
- Semana 6 Música barroca
- Semana 7 Música barroca
- Semana 8 ENCONTRO PRESENCIAL (1ª avaliação)
- Semana 9 Música clássica
- Semana 10 Música clássica

² Normalmente um estudante de um curso a distância do IF cursa dois ou três componentes curriculares simultaneamente, o que permite intensificar as atividades dos componentes curriculares, reduzindo o tempo de duração de cada um deles. Na Licenciatura em Música presencial, no semestre em questão os estudantes estavam cursando oito componentes curriculares simultaneamente.

- Semana 11 Música romântica
- Semana 12 Música romântica
- Semana 13 Música do século XX
- Semana 14 Música do século XX
- Semana 15 ENCONTRO PRESENCIAL (2ª avaliação)
- Semana 16 2ª CHAMADA
- Semana 17 PROVA FINAL

O desenvolvimento das atividades do componente curricular foi precedido de um encontro presencial com os estudantes onde estiveram presentes o professor formador e uma pedagoga da assessoria pedagógica da DEaD. Neste encontro houve oportunidade para breves explicações aos alunos sobre a EaD e o ambiente virtual de aprendizagem Moodle foi apresentado aos estudantes. A sala virtual de História da Música Ocidental pôde ser acessada por eles, permitindo um primeiro contato e a execução de algumas atividades.

A fonte dos conteúdos da sala virtual

A preparação da sala virtual foi gradativa, tendo sido realizada ao longo do semestre à medida que cada semana era “aberta” para os estudantes³. Cada módulo semanal tinha um formato fixo, que consistia de:

- Tema da semana;
- Links para apreciação musical não obrigatória;
- Orientações da semana;
- Conteúdos (texto e exemplos musicais obrigatórios);
- Atividade (fóruns, chats, envio de arquivos, questionários, etc.).

Como em outros ambientes virtuais de aprendizagem usados institucionalmente, no IF só é possível postar na sala virtual conteúdos produzidos pela própria instituição ou conteúdos

³ Os estudantes não têm acesso a todas as semanas da sala virtual imediatamente. O acesso é gradativo, cada semana sendo disponibilizada no tempo previsto. As semanas já trabalhadas ficam disponíveis para acesso a qualquer tempo, exceto as atividades com data de entrega expirada, que não podem mais ser enviadas.

que estejam em domínio público. Devido ao tempo escasso antes do início da experiência, não era possível preparar material para todo o curso de História da Música Ocidental. Desta forma, em comum acordo com a assessoria pedagógica da DEaD optamos por adotar um livro texto que seria disponibilizado na biblioteca do campus. O livro texto escolhido foi *Uma breve história da música*, de Roy Bennett (1986). Essa escolha foi feita com base no fato de que este é um texto conciso e, portanto, adequado à proposta do componente curricular em questão, que visa oferecer em apenas um semestre um panorama geral da História da Música Ocidental para o estudante da licenciatura e futuro professor. Cabe ressaltar aqui que o foco principal do curso de Licenciatura em Música do IF é a música popular e que, por isso, além da História da Música Ocidental, a matriz curricular do curso prevê três semestres de História e Linguagem da Música Popular Brasileira. Ainda assim, a equipe que planejou o curso entendeu que algum conhecimento, mesmo que panorâmico, da História da Música Ocidental era necessário para a formação do professor e, por isso, inseriu este componente curricular com duração de um semestre no currículo do curso. Acréscimos ao texto de Bennet eram feitos com materiais disponíveis na internet.

Quanto aos conteúdos para apreciação musical, escolhemos o *site* YouTube como fonte de vídeos e áudios. Nesse caso, apenas os links foram disponibilizados na sala virtual de História da Música Ocidental. Ressaltamos que este *site* tem se constituído numa fonte importante – e crescente – de materiais musicais de todas as épocas, o que facilita muito o trabalho do professor para disponibilizar exemplos musicais (RUDOLPH; FRANKEL, 2009). Deve-se ter o cuidado, entretanto, de selecionar com critério os exemplos a serem dirigidos aos estudantes, uma vez que muitos vídeos e áudios possuem baixa qualidade sonora ou musical.

As atividades da sala virtual

De início optamos por preparar atividades com as ferramentas do próprio Moodle, como os questionários, por exemplo. Logo ficou evidente que esse tipo de atividade poderia ser respondida de forma mecânica, algumas vezes até sem consulta aos conteúdos disponibilizados. Assim, no decurso do componente curricular preferimos as atividades onde

houvesse uma participação mais ativa dos estudantes, como os fóruns de discussão ou o envio de arquivo onde certa pesquisa deveria ser feita. Esses arquivos, a princípio, envolviam pesquisas extraídas do livro texto. Mais tarde, elaboramos também atividades que demandavam a apreciação crítica do repertório sugerido para a semana.

Por recomendação da assessoria pedagógica da DEaD, cada semana deveria conter apenas uma atividade avaliativa.

O processo avaliativo

O processo avaliativo de componentes curriculares oferecidos a distância são regidos por regulamento próprio da DEaD do IF, respeitadas as normas legais. Dentro das possibilidades oferecidas pelas regulamentações, desenhamos um esquema avaliativo que pudesse envolver tanto as características da educação a distância quanto as possibilidades de encontros presenciais. Desta forma, os elementos do processo de avaliação incluíram:

- Utilização do ambiente virtual de aprendizagem;
- Realização das atividades da sala virtual;
- Encontro presencial 1:
 - Seminário (apresentado por grupos de estudantes);
 - Apreciação e reconhecimento de gêneros musicais;
- Encontro presencial 2:
 - Apresentação musical (feita por grupos de estudantes);
 - Apreciação e reconhecimento de gêneros musicais.

Uma atividade avaliativa que se revelou surpreendente na nossa experiência foi a apresentação musical em grupo no segundo encontro presencial. A turma foi dividida em grupos que deveriam compor e apresentar uma pequena peça musical baseada nos estilos e gêneros musicais de um dos períodos históricos estudados durante o semestre. A princípio essas apresentações não foram satisfatórias: grupos mal ensaiados e com peças sem conexão aparente com o período histórico escolhido. Resolvemos remarcar a atividade e, antes da próxima apresentação, reunir e orientar presencialmente cada grupo. Na segunda

oportunidade, os grupos estavam bem ensaiados e o novo repertório se mostrou mais coerente com os períodos históricos retratados.

Conforme será discutido nas reflexões a seguir, um dos pontos chave para o sucesso da avaliação na EaD é o *feedback* imediato e contínuo do professor para os estudantes, de maneira que eles possam se situar rapidamente em relação aos conteúdos vivenciados e replanejar as rotas de aprendizagem. Ainda que essa não tenha sido a realidade da experiência como um todo, acreditamos que ela ocorreu de forma bastante proveitosa para os estudantes neste ponto da avaliação – a apresentação musical em grupo.

Reflexões a partir da experiência vivida

Ao iniciar a experiência com a EaD no curso de Licenciatura em Música do IF, a nossa motivação estava em consonância com o que descreve Kipnis (2009, p. 211): “[...] a literatura já aponta para uma instituição de educação superior que, pelo menos, precisa se localizar nesse novo contexto de revolução tecnológica.” Olhando retrospectivamente, constatamos que, se por um lado a iniciativa era motivada pelo desejo de buscar algum contato com a “revolução tecnológica” de que fala Kipnis, por outro lado a experiência demonstrou a necessidade de aprofundamento de conhecimentos na área da EaD para uma prática pedagógica mais consistente.

Uma transformação de percepção ocorreu no decorrer da experiência relatada. No início, nossa percepção era que a EaD, afinal de contas, não era um método em si mesmo de educação, mas antes uma convergência de teorias pedagógicas já consagrados na educação presencial, só que agora adaptadas e mediadas pelo aparato tecnológico (FILATRO, 2009, p. 96). Aos poucos, tomamos consciência de que

A apreensão dos conhecimentos na perspectiva das novas tecnologias eletrônicas de comunicação e informação, ao ser assumida como possibilidade didática, exige que, em termos metodológicos, também se oriente a prática docente com base em uma nova lógica. (KENSKI, 2003, p. 46).

Assim, dentre vários pontos de reflexão que poderiam ser considerados, identificamos alguns onde a experiência deverá ser aprimorada. Discutiremos três deles a seguir.

Em primeiro lugar, a questão das formas de conhecimento, conforme discute Kenski (2003, p. 33-38). De certa maneira, iniciamos a experiência com a EaD numa perspectiva de transpor as práticas presenciais para o ambiente virtual. As formas em que o conhecimento se expressa nos dois ambientes, no entanto, impedem uma transposição direta. Se no ambiente presencial o conhecimento é partilhado principalmente através da linguagem falada, mesmo contando com o aporte de suportes escritos, no ambiente virtual ele pode abranger tanto a linguagem falada, quanto a linguagem escrita e a linguagem digital. Não basta somente substituir a linguagem falada em uma sala de aula presencial pela linguagem escrita da sala de aula virtual. É preciso compreender que os conhecimentos expressos por essas diversas linguagens se organizam no ambiente virtual de uma forma diferente daquela vivenciada presencialmente. No ambiente virtual o conhecimento é organizado em teias, não mais em eixos centrais autônomos de onde derivam vários subcampos de conhecimento (KENSKI, 2003, p. 39-44).

Em segundo lugar vem a questão da interatividade, conforme proposto por Mattar (2009). Ao iniciar a experiência com a EaD supúnhamos uma interação do estudante com o texto escrito equivalente à interação presencial com o professor onde o ambiente virtual seria apenas uma tecnologia de substituição das interações. O texto de Mattar nos confronta com uma realidade muito menos estática e, portanto, mais rica. Além de desmistificar a questão da interatividade, no sentido de mostrar que esta atitude pedagógica existe mesmo fora do ambiente virtual, ele nos alerta para uma série de possibilidades de interação a serem exploradas na EaD: aluno/professor, aluno/conteúdo, aluno/aluno, professor/professor, professor/conteúdo, conteúdo/conteúdo, aluno/interface, auto-interação, interação vicária, além de outros tipos de interação.

Em terceiro lugar, destacamos a questão da avaliação. Polak (2009, p. 153) afirma que o modelo de educação encampado pela EaD demanda a avaliação processual, onde “o aluno é o sujeito que se faz presente durante todo o processo de construção e reconstrução do

conhecimento” e onde acontece o “monitoramento do desempenho acadêmico acompanhado por feedback contínuo”. Foi justamente essa uma de nossas principais dificuldades, uma vez que não dispúnhamos de tutores. Oferecer um *feedback* contínuo para os estudantes sobre suas atividades e participação na sala virtual requeria um tempo de acesso e de interação no ambiente virtual que se mostrou difícil de conciliar com as demais atividades presenciais por nós desenvolvidas. Pesou também o fato de que a sala virtual foi sendo construída ao longo do processo, o que exigia um tempo substancial de trabalho no ambiente virtual, o qual era subtraído da interação com os estudantes. Mesmo sem acesso ao texto de Polak, na época, compreendemos cedo a necessidade e importância de uma atitude mais interativa e de *feedback* contínuo. Sem esse *feedback* contínuo por parte do professor, o aluno não tem como verificar a adequação de sua participação nessa experiência coletiva e interativa de educação. Sem dúvida esse é um dos pontos a serem repensados em edições futuras deste componente curricular na modalidade da EaD.

Considerações Finais

Era, e ainda é, nossa pretensão a continuidade da disciplina História da Música Ocidental na modalidade da EaD no IF e a expansão desta experiência para outros componentes curriculares, uma vez que a legislação permite a vivência de 20% da carga horária do curso nesta modalidade. Entretanto, a limitada velocidade da conexão de internet do campus, crítica constante dos alunos, inviabilizou a repetição da experiência. Prevíamos na continuação da experiência um movimento de capacitação de outros docentes do curso para que pudessem também iniciar práticas de ensino na modalidade da EaD. Junto com outros professores, portanto, poderíamos realizar uma avaliação contínua para que os pontos de reflexão descritos anteriormente pudessem ser trabalhados com os objetivos do aprofundamento dos conhecimentos sobre a EaD e de uma prática docente mais consistente e aberta para as amplas possibilidades que a educação flexível – outro termo para designar a EaD (FORMIGA, 2009) – nos oferece. Pretendemos retomar a experiência quando a limitação técnica for superada.

Talvez mais do que para os estudantes, a experiência com a EaD constituiu uma oportunidade de enriquecimento acadêmico para o professor. Isso não só do ponto de vista dos novos conhecimentos necessários para operar as ferramentas da plataforma virtual de aprendizagem, mas sobretudo no que diz respeito às reflexões sobre os processos de ensino e aprendizagem e suas diversas facetas neste início do século XXI.

Referências

ANDRADE, Celana Cardoso; HOLANDA, Adriano Furtado. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estudos de psicologia**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 259-268, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 31 dez. 2014.

BENNETT, Roy. **Uma breve história da música**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

BRESLER, Liora. Ethnography, phenomenology and action research in music education. **Visions of Research in Music Education**, Princeton, v. 8, n. 1, set. 2006. Disponível em: <http://www-usr.rider.edu/~vrme/v8n1/vision/Bresler_Article___VRME.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2014.

FILATRO, Andrea. **As teorias pedagógicas fundamentais em EAD**. In: LITTO, Fredric; FORMIGA, Marcos (Org.). Educação a distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

FORMIGA, Marcos. **A terminologia da EAD**. In: LITTO, Fredric; FORMIGA, Marcos (Org.). Educação a distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

GOHN, Daniel M. **EAD e o estudo da música**. In: LITTO, Fredric; FORMIGA, Marcos (Org.). Educação a distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas: Papyrus, 2003.

KIPNIS, Bernardo. **Educação superior a distância no Brasil: tendências e perspectivas**. In: LITTO, Fredric; FORMIGA, Marcos (Org.). Educação a distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

MATTAR, João. **Interatividade e aprendizagem**. In: LITTO, Fredric; FORMIGA, Marcos (Org.). Educação a distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

POLAK, Ymiraci Nascimento de Souza. **A avaliação do aprendiz em EAD**. In: LITTO, Fredric; FORMIGA, Marcos (Org.). Educação a distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

RUDOLPH, Thomas; FRANKEL, James. **YouTube in music education**. New York: Hal Leonard, 2009.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3>>. Acesso em: 14 mar. 2016.